

---

**DOS MAPAS MENTAIS À PAISAGEM: NOÇÕES DE PERTENCIMENTO E ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL CARLOS MÜLLER, EM CERRO BRANCO – RS**

FROM MENTAL MAPS TO LANDSCAPE: NOTIONS OF BELONGING AND TEACHING OF GEOGRAPHY AT CARLOS MÜLLER MUNICIPAL SCHOOL OF FUNDAMENTAL EDUCATION, IN CERRO BRANCO – RS

DE LOS MAPAS MENTALES AL PAISAJE: NOCIONES DE PERTENENCIA Y ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA EN LA ESCUELA MUNICIPAL DE EDUCACIÓN PRIMARIA CARLOS MÜLLER, EN CERRO BRANCO – RS

**Francisco Augusto Altermann**

Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-graduação em Geografia, Santa Maria, Brasil. franciscoaltermann9240@gmail.com  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8837-1863>

**Natália Lampert Batista**

Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-graduação em Geografia, Santa Maria, Brasil. natalia.batista@ufsm.br  
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1884-2340>

**RESUMO**

Os mapas são ferramentas didáticas importantes para a compreensão e análise do espaço geográfico, assim, o objetivo principal deste trabalho foi analisar os pontos turísticos do município de Cerro Branco, RS, por um viés topofílico, como ferramenta para o desenvolvimento da noção de pertencimento nas aulas de Geografia. Metodologicamente, o trabalho consiste no relato de uma proposta pedagógica para o estudo do lugar em Cerro Branco. A atividade foi pautada no uso de mapas mentais prévios e posteriores e na construção de um mapa coletivo de pontos topofílicos do município. Os mapas mentais no ensino da Geografia, voltados ao estudo da paisagem e do município, como forma de interpretar a realidade local remetida aos pontos turísticos e demais locais representativos no âmbito de cada educando, colaboram com a construção do sentimento de topofilia. Além disso, as práticas educativas, utilizando-se de mapas impressos e a interação coletiva e interpretativa de conceitos Geografia, para o

entendimento do espaço, mostraram-se efetivas como ferramenta didática, podendo ainda serem utilizados em escolas sem acesso à internet ou a equipamentos tecnológicos.

**Palavras-chave:** Cartografia Escolar; ensino de Geografia; topofilia

## **ABSTRACT**

Maps are important didactic tools for understanding and analyzing the geographic space, so the main objective of this work was to analyze the tourist spots in the municipality of Cerro Branco, RS, through a topophilic bias, as a tool for the development of the notion of belonging in the Geography classes. Methodologically, the work consists of the report of a pedagogical proposal for the study of the place in Cerro Branco. The activity was guided by the use of previous and posterior mental maps and the construction of a collective map of topophilic points in the municipality. Mental maps in the teaching of Geography, aimed at the study of the landscape and the municipality, as a way of interpreting the local reality referred to tourist attractions and other representative places in the heart of each student, collaborate with the construction of the feeling of topophilia. In addition, educational practices, using printed maps and the collective and interpretive interaction of Geography concepts, for the understanding of space, proved to be effective as a didactic tool, and can still be used in schools without access to the internet or equipment. technologica.

**Keywords:** School Cartography; teaching geography; topophilia.

## **RESUMEN**

Los mapas son importantes herramientas didácticas para la comprensión y análisis del espacio geográfico, por lo que el objetivo principal de este trabajo fue analizar los atractivos turísticos del municipio de Cerro Branco, RS, desde una perspectiva topofílica, como herramienta para desarrollar la noción de pertenencia en las clases de Geografía. Metodológicamente, el trabajo consiste en reportar una propuesta pedagógica para el estudio del lugar en Cerro Branco. La actividad se basó en la utilización de mapas mentales anteriores y posteriores y la construcción de un mapa colectivo de puntos topofílicos del municipio. Los mapas mentales en la enseñanza de la Geografía, enfocados al estudio del paisaje y del municipio, como forma de interpretar la realidad local referida a atractivos turísticos y otros lugares representativos en el corazón de cada estudiante, contribuyen a la construcción del sentimiento de topofilia. Además, las prácticas educativas, utilizando mapas impresos y la interacción colectiva e interpretativa de conceptos de Geografía, para comprender el espacio, demostraron ser efectivas como herramienta de enseñanza, pudiendo ser utilizadas también en escuelas sin acceso a Internet o equipamiento tecnológico.

**Palabras clave:** Cartografía Escolar; ensino de geografia; topofilia.

---

## **1 - Introdução**

Conhecer o espaço de vivência dos estudantes é fundamental para pensarmos atividades práticas de Geografia que sejam condizentes com as suas identidades e a realidade das distintas escolas. Além disso, saber mais sobre o seu próprio município pode colaborar para ampliar o olhar e o desejo de cuidar dos lugares de vivência.

O conhecimento empírico do espaço, as emoções e os sentimentos de vivenciá-lo, e suas atribuições ponderam a importância da ligação com o espaço vivido. Enfatizando “[...] os aspectos subjetivos das relações humanas com o meio ambiente natural através do estudo da relação das pessoas com a natureza e dos seus sentimentos e ideias sobre o espaço” (CISOTTO, 2013, p.2), podemos potencializar o gosto pelo lugar. Desta forma, retratar o ambiente físico, a paisagem e suas relações, as questões de memória e de cultura, juntamente com a experiência individual e visão do mundo, gerando identificações compartilhadas em um mesmo território, é uma prática essencial ao ensino de Geografia.

Para que seja possível consolidar essa ligação, é essencial que as relações com o espaço se desenvolvam desde a infância, reforçando os laços entre o ser e o ambiente. Nesse sentido, quanto mais paisagens marcantes positivamente forem (re)conhecidas pelo indivíduo, maior será o sentimento de *topofilia*<sup>1</sup> sobre o território vivido e, conseqüentemente, seu sentimento de pertencimento ao lugar, conforme aborda Tuan (1980). Por outro lado, nem sempre a população possui alternativas para conhecer detalhadamente o local no qual vive e “Esse desconhecimento do lugar compromete o entendimento do espaço e a construção das noções de identidade, de pertencimento e de cuidado com o ambiente, isto é, com os seres vivos, não vivo e elementos construídos que representam a cultura e a materialidade daquele lugar” (BATISTA, 2015, p. 38). Como possibilidade para pensarmos essa relação entre o indivíduo e o lugar, temos a linguagem cartográfica como uma potente possibilidade. Assim, destacam-se os mapas em suas múltiplas formas – mentais, geotecnológicos ou impressos – como ferramentas a serem utilizadas nas escolas, espaços de convívio ou até utilizadas no celular e *notebook* individualmente como ferramenta didática.

Rizzatti (2022) aponta a importância das diferentes abordagens cartográficas para a construção dos conhecimentos geográficos e para a compreensão dos espaços vividos dos estudantes. Desta forma, essas ferramentas podem ser utilizadas com demasiados intuitos, buscando a integração e a conexão do indivíduo com a sociedade e, de forma muito especial, com seu espaço de vivência.

Portanto, propôs-se utilizar os mapas como forma de descobrir e espacializar pontos turísticos de Cerro Branco, Rio Grande do Sul (RS), visando estimular o conhecimento sobre aquela área e contribuir com uma nova percepção sobre o município, podendo descobrir e se interessar por

---

<sup>1</sup> Ver mais em Tuan (1980).

lugares novos ou se conectar com locais já visitados. Para Callai (2004), o estudo do lugar necessariamente resgata e reforça os sentimentos de identidade e de pertencimento dos estudantes, ampliando seus vínculos com o local onde vivem.

O município de Cerro Branco/RS, possui muitos locais turísticos como poços no rio, visões de topos de morro, uma linda vista da bacia hidrográfica do Rio Jacuí, cachoeiras de diversas proporções, lindos paredões, espaços de socialização, entre outros. Porém, muitos desses locais não são conhecidos pelos próprios munícipes e por pessoas de municípios próximos, como também alguns locais são de difícil acesso às pessoas que não estão habituadas com a realização de trilhas e caminhadas de maior nível de dificuldade.

Resgatar essas leituras de mundo e o (re)conhecimento do lugar potencializa a construção do sentimento de *topofilia* e faz com que se torne um espaço de vivência, como coloca Callai (2004):

Este lugar é um espaço construído como resultado da vida das pessoas, dos grupos que nele vivem, das formas como trabalham, como produzem, como se alimentam e como fazem/usufruem do lazer. É, portanto, cheio de história, de marcas que trazem em si um pouco de cada um. É a vida de determinados grupos sociais, ocupando um certo espaço num tempo singularizado. Considerando que é no cotidiano da própria vivência que as coisas vão acontecendo, vai se configurando o espaço, e dando feição ao lugar (CALLAI, 2004, p. 2).

O nome do município provém da existência de um morro com rochas brancas, segundo informações da Prefeitura Municipal (CERRO BRANCO, 2022). Este mesmo morro é um dos principais destinos de visitantes, possuindo uma rampa para saltos de paraquedismo e amplo espaço disponível a toda comunidade para observação da paisagem que cerca o morro. Assim, o próprio nome do município reforça a relação com a paisagem que se faz evidente quando se pensa a necessidade de estimular e fomentar a construção do sentimento de pertença e de identidade com os elementos turísticos locais.

Ademais, essa pesquisa também se justifica, pelo limitado número de publicações sobre o município, as quais reforçam a importância de que haver estudos que envolvam a educação e a identidade dos cerro-branquenses acerca de seu território, das suas vivências e das paisagens que constituem o local e o circundam. Deste modo, o problema de pesquisa se refere ao questionamento de como a análise da paisagem de pontos turísticos, através de mapas mentais e mapas coletivos do município – desenvolvidos nas aulas de Geografia –, podem colaborar

com o sentimento de topofilia dos estudantes da Escola Municipal de Ensino Fundamental Carlos Muller.

Partindo do exposto, tem-se como objetivo geral analisar os pontos turísticos do município de Cerro Branco, RS, por um viés topofílico, como ferramenta para o desenvolvimento da noção de pertencimento e identidade nas aulas de Geografia. Já como objetivos específicos tem-se: (1) identificar os principais pontos topofílicos, através do uso de mapas mentais, com a finalidade de sobressair o sentimento de pertencimento, juntamente ao ensino de Geografia, (2) aprofundar o conhecimentos do espaço local, mediante a confecção de um mapa coletivo e de uma abordagem sobre o município com o *Google Earth Pro*; e (3) verificar como a atividade proposta contribui para despertar o sentimento de pertencimento, avaliando a eficácia desta metodologia, para o ensino de Geografia, na construção de noções de pertencimentos dos estudantes cerro-branquenses.

## **2 - Fundamentação Teórica**

O trabalho sobre o lugar e a busca pelo desenvolvimento das noções de pertencimento são fundamentais ao estudo do lugar e a representação construtiva do entendimento do espaço vivido, bem como para o desenvolvimento do sentimento de topofilia. O conhecimento do lugar e, por consequência, o estudo de elementos importantes da paisagem podem enriquecer as aulas de Geografia e fomentar uma mais articulada abordagem sobre o local de vivência dos estudantes. Dessa maneira,

A leitura do lugar, o reconhecimento do que existe, é um passo para a compreensão da realidade. Mas é importante também que seja feita a representação dos fenômenos e das paisagens. A capacidade de representar uma realidade que está sendo vivida permite que ocorra um distanciamento dela mesma, podendo-se compará-la a outras paisagens a outros lugares. A representação que pode ser das mais diversas formas (desenho, texto escrito, mapa, maquete, teatro, vídeo, jornal, etc.) encaminha a uma análise e possibilita uma sistematização. Aí entra outro aspecto que precisa ser considerado, que é a escala social de análise, sem a qual corre-se riscos de não entender as dinâmicas envolvidas, sejam elas sociais, econômicas, políticas, ou naturais. Cada lugar é a seu tempo e a seu modo, uma mistura de características próprias do lugar em si e das interferências regionais, nacionais e internacionais. O universal se expressa, se evidencia no particular. (CALLAI, 2004, p. 6).

A autora, em seus diversos escritos, como CALLAI (2004), CALLAI (2005), CALLAI (2020) enfatiza que a leitura do lugar e do espaço vivido “[...] o modo de apresentação que ele nos é mostrado é pela paisagem” (CALLAI, 2020, p. 63). Assim, paisagem e lugar estão imbricados na construção das noções de pertencimento e valorização do lugar e, por isso, precisam ser

trabalhados de forma integrada e articulada na busca por uma leitura coerente e ampla do campo de estudo, em nosso caso, o município de Cerro Branco, RS.

Para Tuan (1983, p.26) “O lugar é um tipo de objeto. Lugares e objetos definem o espaço, dando-lhe uma personalidade geométrica.” Esta personalidade ajuda a definir a paisagem do ambiente e a interpretação humana sobre ele. Yi Fu Tuan – importante geógrafo humanista sino-americano – em seu livro intitulado de “Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente”, apresenta distintas formas de observação do espaço vivido e a relação humana com seu meio ambiente e detalha a forte relação entre Geografia e Psicologia na percepção dos espaços e lugares.

Toda essa diversidade pode ser representada mediante a elaboração de mapas mentais ou mapas coletivos do lugar. A representação cartográfica é uma ferramenta importante para a compreensão do espaço em que vivemos, permitindo dinâmicas diferenciadas na escola. Para Lopes e Richter (2014), a Cartografia permite a experiencição distinta do espaço geográfico, como mapas, atlas, croquis, cartas topográficas, mapas mentais, globo terrestre, entre outras ferramentas. O autor também destaca que “[...] é fundamental a utilização de categorias do espaço geográfico no Ensino Fundamental, como a função, forma, estrutura e o processo para as leituras e interpretações da paisagem” (RICHTER, 2010 p. 104-105). Desta forma, a linguagem cartográfica e o raciocínio geográfico, também ressaltados na BNCC (BRASIL, 2018), são centrais para interpretando os fenômenos e dos elementos espaciais que se materializam nos espaços e nos lugares.

Andreis (2019) destaca que a produção e representação do espaço geográfico ocorre pelos mesmos indivíduos que o produzem e o representam. Desta maneira:

Compreender o espaço como vivo, relacional, como produção dos sujeitos, passa pelo entendimento de que o cotidiano construído implica e é implicado pelo espaço geográfico, pois é uma dimensão fundamentalmente decisiva do modo como vivemos e construímos e do modo com pensamos e representamos o mundo. A forma como compreendemos e como interagimos, tem, assim, relações que remetem ao cotidiano e ao espaço geográfico. (ANDREIS, 2019, p. 4).

Andreis (2019) também enfatiza “O cotidiano, como inerente ao espaço geográfico, atribui centralidade à relação vida-espaço e ao espaço-vida na relação com a vida que se constrói no ensino escolar” (ANDREIS, 2019, p. 4). Neste sentido, Richter (2011) afirma que muito além dos conceitos geográficos, como espaço geográfico, território, região, lugar, paisagem, entre

outros, o trabalho didático em Geografia se utiliza ou deveria se utilizar destes conceitos para observar e compreender as atividades cotidianas e as vivências dos estudantes.

Desta forma, a representação cotidiana surge como uma ferramenta importante para a análise espacial e conhecimento do espaço vivido. Tuan (2012) destaca a diferença perceptiva da paisagem para alguém que é nativo e para alguém que é turista. Segundo o autor, somente o visitante detém um ponto de vista; já o nativo possui um olhar mais complexo dada sua imersão em seu meio ambiente. Neste sentido, o meio ambiente para o estranho é totalmente estético, onde é perceptível apenas questões de aparência. Este fator é importante para entendermos a importância de determinados locais que compõem memórias afetivas significativas absorvidas ao longo da vida.

Além disso, a Cartografia, em sua multiplicidade de linguagens, pode ser ainda mais dinâmica com a utilização de estratégias cartográficas diversas, cada vez mais difundidas em nosso cotidiano e amplas em termos teóricos e metodológicos. Mesclar elementos digitais e analógicos potencializam a aprendizagem e diversificam as formas de abordagem na escola.

A Cartografia permite diferentes formas de representar o espaço geográfico, entre elas destacam-se os mapas, atlas, croquis, cartas topográficas, mapas mentais, globo terrestre, entre outros, as associações e interpretações que cada indivíduo realiza através desses produtos proporcionará um raciocínio espacial. Podemos dizer que de todas essas formas de representação um dos mais utilizados é o mapa, ele se faz presente nos mais variados usos e atividades, aparecendo em revistas, jornais e noticiários de televisão; em gabinetes de políticos e empresários; além disso, eles são usados por diferentes áreas do conhecimento. E no que tange a Geografia escolar, o mapa é um recurso fundamental para o processo de ensino-aprendizagem do aluno. (LOPES; RICHTER, 2013, p. 5-6).

Rizzatti, Cassol e Becker (2020) destacam algumas plataformas digitais que permitem a interatividade coletiva e o fluxo de informações colaborativas e usuais, como o *Google Maps*, *Waze*, *Maps-me* e o *OpenStreerMap*. Outra disposição simples e necessária a muitos usuários na atualidade é saber utilizar as funcionalidades do *Google Earth*, presentes em praticamente todos os *smartphones* mais modernos, buscando a obtenção de informações de forma mais rápida em qualquer local que tenha acesso a uma rede de internet.

Silva *et al* (2018) concorda que a utilização de recursos tecnológicos de forma adequada pode potencializar o aprendizado em sala de aula, porém ainda há uma gama ímpar de passividades que de algum modo podem interferir ou desacelerar a interação tecnológica como a dificuldade do acesso à internet ou a aparelhos tecnológicos que permitem a conexão do virtual com a sala

de aula. Salasar, Da Silva e Spironello (2021, p. 1458) enfatizam, por sua vez, os mapas mentais que “[...] usam como referencial, as vivências e percepções do sujeito, ou seja, são instrumentos de ressignificação do espaço geográfico”, tema que também é discutido por Richter e Faria (2011). Para melhor definição,

[...] o mapa mental é analisado como um recurso que permite a construção de uma expressão gráfica livre, tendo a perspectiva de que o estudante possa transpor para essa representação espacial os conteúdos geográficos aprendidos ao longo da educação básica. (RICHTER, 2011, p. 18).

Um mapa mental pode ser construído individualmente ou de forma coletiva. O mapa mental coletivo contém algumas características comuns com a Cartografia Social, precisando ser realizado de forma espontânea entre os colaboradores e podendo conter participação de qualquer pessoa (MALANSKI; KOZEL, 2015). Assim,

[...] quando remetemos a ideia de mapas técnicos podemos compreender que estes utilizam-se de diversos elementos, convenções e simbologias próprias para serem ilustrados. Consideram padronizações de cores, texturas, projeções, orientação, as quais não são determinantes quando se pensa na elaboração de mapas mentais, porém, podem ser complementares, dependendo da concepção e do desenvolvimento cognitivo e das intencionalidades do sujeito ao representar determinados fenômenos, e do espaço ao qual se propõe. (SALASAR; DA SILVA; SPIRONELLO, 2021, p. 1458).

Nesse sentido, a utilização de ferramentas cartográficas, em suas múltiplas dimensões, sejam digitais ou sejam analógicas, tornam-se importantes e necessárias perante a evolução técnica/científica que vivenciamos e que molda nossa sociedade cada vez mais as necessidades tecnológicas do mundo moderno. A utilização das ferramentas tecnológicas pode auxiliar na concepção e no entendimento do espaço em que se vive, pois, a interatividade com algo atual e dinâmico pode ajudar a conhecer locais que por vezes estão distantes de sua realidade, mas próximos territorialmente. Já os mapas mentais colaboram significativamente com a demonstração da percepção dos estudantes sobre a realidade em que estão inseridos.

Rosa e Lima (2020) salientam que há grande importância em busca significação aos lugares, buscando compreender suas características e o espaço de vivência de cada pessoa, realizando primeiramente o reconhecimento do estudante como cidadão e sua importância na sociedade, para posteriormente debater a amplitude das realidades humanas que compõem o espaço geográfico.

Richter (2011) complementa os autores anteriormente citados considerando que a compreensão dos fenômenos e do espaço geográfico são essenciais para o entendimento de que o espaço é diretamente resultado das ações humanas. Esta compressão se torna importante para o entendimento da diversidade que compõe a Geografia.

Conhecer o espaço que vivemos é importante para criar laços que trazem sensações agradáveis e fortaleçam a noção de pertencimento. Dessa maneira, para Tuan (2012, p.179) “[...] lugar é qualquer objeto estável que prende nossa atenção”. A formação do lugar abre espaço para um novo diálogo preponderante, que é sobre a sua constituição e manutenção. Neste caso, estamos dialogando sobre o ensino do lugar em suas múltiplas dimensões, pois faz interagir e se sentir pertencente a determinado espaço vivido, fomenta também a responsabilidade coletiva sobre ele, desenvolvendo as noções de pertencimento.

Nesta linha, Rosa e Lima (2020) enfatizam que conhecer o espaço vivido exerce um papel fundamental na construção crítica e consciente do indivíduo, favorecendo sua leitura territorial. Os autores ainda destacam que cabe à educação atender as necessidades de interpretação do território. Tuan (2012) considera que as crianças de sete até os quatorze anos possuem maior capacidade de observar a vivacidade em seu entorno, apreciando novas experiências e sendo capaz de conceituar as diferenciações espaciais notáveis. “Sem a carga das preocupações terrenas, sem as cadeias da aprendizagem, livre do hábito enraizado, negligente ao tempo, a criança está aberta para o mundo” (TUAN, 2012, p.88).

A experientiação a cada faixa etária possui uma diferenciação devido às vivências pessoais adquiridas ao longo do tempo. A apreciação por determinado local é relativa, pode ser bom para um e ruim para o outro, dependendo dos fatores condicionantes que cada indivíduo vai adquirindo ao longo da vida (TUAN, 2012).

Nesta abordagem, Tuan (2012) conceitua os elos cultura – meio ambiente e meio ambiente – cultura, surgindo deste misto de interações cognitivas o conceito de “topofilia” que “[...] pode ser definido como sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material” (TUAN, 2012, p. 135-136). O autor ainda destaca que “A topofilia não é a emoção humana mais forte” (TUAN, 2012, p.136), mas o elo que um lugar acerca dos laços afetivos vinculados ao indivíduo ao longo de sua vida com o espaço vivido.

Com a compreensão de que os seres humanos são os agentes modificadores do espaço, capazes de criar laços espaciais profundos, compreendendo sua complexidade em vários sentidos e critérios através da educação em Geografia, a tendência cordial na formação do indivíduo mais

ligada às transformações do espaço, compreendendo também seu lugar como agente modificador do meio.

Tuan (2012) enfatiza a apreciação humana ligada ao espaço e a paisagem com a origem do indivíduo, onde aspectos modificados ou não podem ser de maior ou menor apreço pessoal. Estes fatores reforçam ainda mais a importância do conhecimento espacial amplo pelo indivíduo, experienciando distintas perspectivas analíticas. O meio ambiente é modificado de acordo com as necessidades criadas pelo ser humano para coexistir, onde cada local possui um modo distinto de ambientação, mesmo hoje muitas coisas serem demandadas pelo capital, ainda há peculiaridades espaciais em cada região, que são objetos de análise geográfica dentro do espaço escolar. Todas essas abordagens podem ser evidenciadas e fomentadas pelos mapas mentais e mapas coletivos, sob o viés do ensino de Geografia.

### **3 - Metodologia**

Segundo Zanella (2011, p.22), a expressão metodologia significa o estudo do método científico e de pesquisa, utilizando-se de estudo analítico e crítico dos métodos investigativos. Esta pesquisa é qualitativa e descritiva, pois visa interpretar as percepções dos estudantes por meio da confecção de dois mapas mentais e um mapa coletivo do município.

O município de Cerro Branco, RS, conta com uma escola de ensino infantil (E.M.E.I.<sup>2</sup> Tia Clara), três escolas municipais, (E.M.E.F.<sup>3</sup> Augusto Schultz, E.M.E.F. Carlos Müller e E.M.E.F David Unfer) e uma escola estadual (Colégio Estadual Cerro Branco), sendo a última a única a fornecer o Ensino Médio aos munícipes. Em vista disso, a aplicação das atividades ocorreu na Escola Municipal de Ensino Fundamental Carlos Müller, situada na rua Alberto Müller, bairro Rio Branco, Cerro Branco, RS, como apresenta o Mapa da Figura 1. Essa escola foi uma das quais o autor estudou. Neste sentido, este trabalho buscou abordar o sentimento de pertencimento por meio da identificação e (re)conhecimento de pontos turísticos e/ou pontos de pertencimento dentro do município de Cerro Branco, Rio Grande do Sul.

Foram desenvolvidas pesquisas teóricas e materiais pedagógicos que poderiam servir de apoio no desenvolvimento do pertencimento, vinculado às noções cartográficas, como o senso de localização de residências, paisagens ou qualquer outra feição do gênero no espaço geográfico. Nesse sentido, foram desempenhadas as competências de acordo com as vigências da BNCC,

---

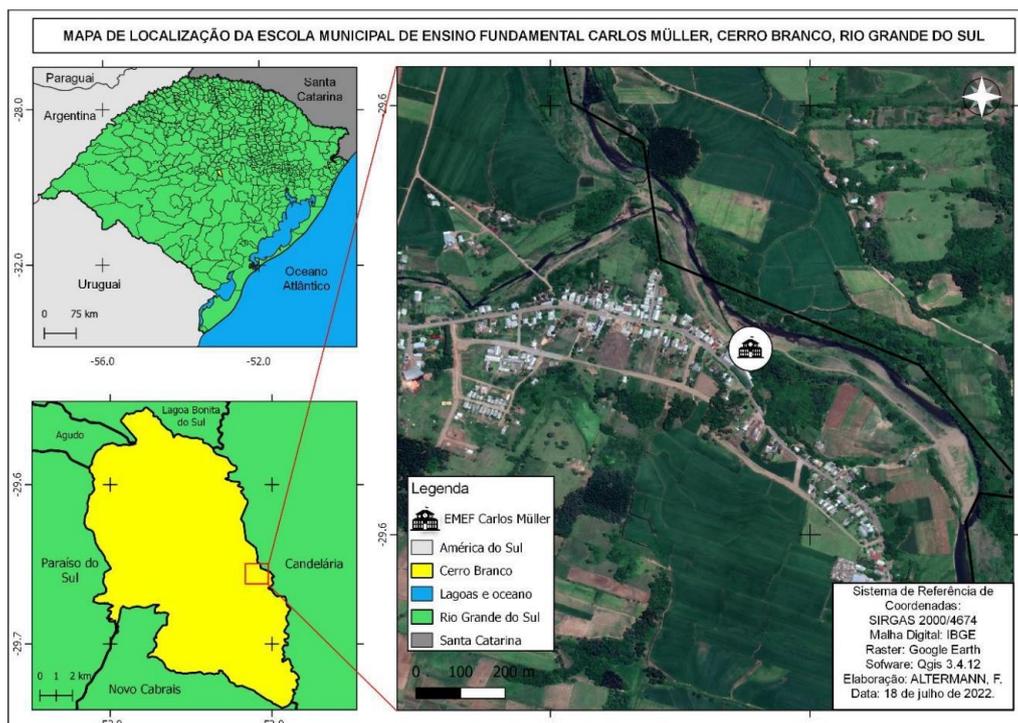
<sup>2</sup> Significado de EMEI - Escola Municipal de Ensino Infantil

<sup>3</sup> Significado de EMEF- Escola Municipal de Ensino Fundamental

buscando enfatizar o sentimento de pertencimento dos alunos, através de imagens de pontos turísticos ou locais que possam despertar apreço em relação ao seu espaço de vivência, previamente catalogados pelo aplicador.

Adotou-se como sujeitos da pesquisa as turmas do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental, uma vez que se encontram estudando os conteúdos que foram abordados na pesquisa, segundo a BNCC (BRASIL, 2018). Foram escolhidas duas turmas para aplicação dadas as circunstâncias de que elas possuem poucos alunos, aumentando assim os sujeitos e, conseqüentemente, os resultados da pesquisa. Tem-se como total de estudantes, nove alunos, no 6º ano, e quatro no 7º ano.

**Figura 1** - Mapa de localização da Escola Municipal de Ensino Fundamental Carlos Müller, Cerro Branco, RS.



Fonte: Elaboração Própria, 2022.

Em diálogo prévio com a diretora da escola selecionada para aplicação, foi enfatizado o baixo número de alunos no 6º ano. Então, foi levantada a proposta de trabalhar também com a turma do 7º ano, conjuntamente, pois esta turma também era pequena. Tal ação foi concretizada, aumentando o público-alvo da aplicação, a fim de conseguir ter um número maior de participantes para a discussão dos resultados. Outra justificativa válida para a união das turmas na aplicação é o fato dos alunos que estão atualmente no 7º ano, tiveram os conteúdos abordados

no 6º durante a pandemia e a proposta poderia retomar as temáticas de modo presencial. Assim, tem-se os 13 alunos que participaram da aplicação.

Para desenvolver as atividades com os alunos, foi primeiramente realizada uma revisão bibliográfica dos materiais elaborados e estruturados durante a construção do referencial teórico, com a finalidade de sistematizar a ideia principal desenvolvida com a realidade da escola escolhida. A partir da revisão, iniciou-se a preparação dos materiais, elaborados de abril a maio de 2022. O resumo dos procedimentos metodológicos aplicados é apresentado na Figura 2 e, posteriormente, contextualizado.

**Figura 2 - Fluxograma da Pesquisa.**



Fonte: Elaboração Própria, 2022

O primeiro passo para a concretização das aplicações metodológicas consistiu na entrega de uma carta de apresentação à escola, apresentando a instituição e o aplicador, ponderando os principais pontos do trabalho, como objetivos e recursos didáticos a serem utilizados. No momento da entrega da carta, a diretora da escola explicou quais recursos estavam disponíveis para utilização. Esta informação foi importante para o (re)planejamento dos materiais didáticos expostos anteriormente.

A primeira tarefa desenvolvida foi a apresentação de cada aluno participante e do aplicador, posteriormente, foi introduzida a finalidade do trabalho, trabalhando verbalmente a importância de conhecer o município e seus pontos turísticos, com destaque aos locais de pertencimento.

Sousa (2010) destaca que os locais de pertencimento podem estar atrelados a comunidades ou a movimentos sociais, políticos ou culturais, visando a manutenção ou busca identitária.

A ideia de trabalhar com mapas mentais surgiu na tentativa da construção da identidade e interpretação do espaço vivido, buscando perceber a idealização individual de cada aluno sobre o município. Nessa perspectiva, a organização geral da aplicação se dividiu em dois dias, na quinta-feira e sexta-feira à tarde, nos dias 02 e 03 de junho de 2022.

No primeiro momento, após a introdução prévia dos conteúdos trabalhados, foi entregue aos alunos o mapa mental prévio para a inicialização dos trabalhos, delimitando das 13:30 às 14:40 horas para a realização dele. A ideia da resolução da atividade era de deixar a cargo dos alunos o que representar no mapa, dando apenas dicas do que poderia ser feito, como pintar, desenhar, escrever ou qualquer outra forma de interpretação pertinente.

A próxima etapa consistiu na localização da escola e das residências dos alunos, com o auxílio do mapa de apoio na identificação de pontos “chave”, onde cada aluno foi responsável por colocar seu ícone residencial no local correto. Saliento também que o objetivo não era identificar o local exato, mas buscar características próximas que auxiliassem a identificar com uma boa precisão o local desejado, como também ocorreu na identificação posterior.

Com esta tarefa realizada, após o intervalo da tarde, identificou-se pontos turísticos e toponímicos elencados previamente pelo aplicador, mostrando as imagens a serem trabalhadas, perguntando se era do conhecimento de todos tais pontos e encaixando nos locais corretos no mapa coletivo elaborado. Na sequência, em torno da mesa que continha o isopor com o mapa imagem de Cerro Branco e buscou-se identificar todos os pontos, explicando novamente onde ficavam e os colocando nos seus respectivos locais.

Após a realização desta atividade, os palitos com os pontos, exceto residenciais e da escola, foram retirados e postos do avesso ao lado da mesa. A tarefa proposta então foi de cada aluno retirar duas das imagens, as identificar e colocar no local correto. Com esta, as atividades do dia 02 de junho foram finalizadas.

Na sexta-feira, dia 03 de junho, realizou-se uma breve explicação sobre a realidade do município, além disso as tarefas foram finalizadas, onde os alunos refizeram suas interpretações posteriores sobre o mapa mental, mas com uma nova percepção, podendo desenhar novamente o que já haviam feito, acrescentando os pontos ressaltados, destacando seus favoritos, podendo pintar, escrever, desenhar ou fazer qualquer outra atribuição.

Após a realização da oficina, os resultados foram descritos e os mapas mentais prévios e posteriores comparados, no que tange a seus elementos representados, a fim de produzir uma interpretação nas mudanças de percepção promovidas pela atividade pedagógica proposta. Sistematizou-se um Quadro para representar essa construção, bem como descreveu-se as principais transformações.

#### **4 - Resultados e Discussões**

Ao construir um mapa mental, o estudante representará os elementos que são mais significativos, “[...] com os quais mais se identifica, ou elementos dos quais mais faz uso no seu dia a dia ou, ainda aqueles elementos que mais lhe chama a atenção por serem exóticos, ou por seu valor histórico, ou porque tem uma relação de afetividade” (ROCHA, 2007, p. 161). Dessa maneira, busca responder, consciente ou inconscientemente, o que é preciso saber e o que as pessoas sabem sobre os lugares (BATISTA, 2019).

Segundo Richter (2011), pensar os espaços e paisagens através dos mapas é um processo importante no ensino de Geografia, permitindo uma análise criteriosa dos lugares, fortalecendo os conhecimentos espaciais essenciais para a formação cidadã. O autor destaca, todavia, que mesmo havendo uma série de ferramentas e materiais didáticos para serem utilizados em aula, muitas vezes, elas acabam não sendo tão utilizadas em sala de aula.

Por outro lado, é inegável o avanço da Cartografia no âmbito escolar, com práticas inovadoras que favorecem o processo de ensino/aprendizagem como, por exemplo, a confecção de mapas mentais e sua utilização nas aulas de Geografia. Segundo Lopes e Richter (2013-14, p. 6) “[...] a construção deste mapa pelo aluno possibilitará que ele tenha um olhar mais aguçado sobre as realidades que ele vive, instigando-o a ser mais crítico do seu espaço de vivência”.

Esta análise espacial pode ser múltipla e servir com distintas interpretações possíveis, como uma análise paisagística vinculada às percepções individuais de cada aluno sobre o espaço vivido a partir do conhecimento de locais. Tuan (2012) reforça que a visão de mundo é ampla e pode ser percebida de diferentes formas para cada indivíduo. Para exemplificar, para uma pessoa um morro pode significar apenas um local mais alto repleto de árvores coexistentes com o restante da paisagem. Já para outra pessoa, este mesmo local pode remeter a vínculos sentimentais, lembranças de momentos vividos perto do local ou então percebido como um belo ponto turístico, ótimo para boas fotos.

Esta análise pode ser feita também em um local mais específico, por exemplo, no topo deste morro, em trabalho de observação, um indivíduo pode tentar buscar visualizar as casas ou o movimento de “pequenos pontos” logo abaixo, remetidos aos carros. Já outro entusiasta pode perceber mais a fundo esta paisagem, considerando as modificações presentes no espaço observado, a expansão urbana, os tipos de cultura cultivada e assim por diante.

Outro aspecto importante para análise é a delimitação espacial. O espaço é múltiplo e liga a conformações parecidas muito próximas ou idênticas, este fator é expresso, por exemplo, a fronteiras políticas ou a aspectos naturais remetentes à paisagem. Acerca disto, Callai (2020) destaca que,

[...] um lugar nunca é isolado no mundo e nem exclusivamente separado dos outros lugares, sendo que as fronteiras ao mesmo tempo em que demarcam limites, são transitoriedades entre os aspectos que são da natureza, que são da cultura, enfim do fazer e do viver a vida. (CALLAI, 2020, p. 4).

Neste sentido, a observação paisagística do lugar nem sempre está atrelada a um único limite territorial, dada a circunstância de que circulamos e interagimos com distintos territórios. Richter (2010) reforça que todos os mapas feitos pela sociedade, desde os mais primitivos, refletem o modo daquele grupo pensar, sendo uma imagem mental do que ocorria. Os mapas mentais trazem a visão de mundo e, também, os sentimentos dos mapeadores.

Atualmente, seguimos tentando compreender o significado de ver, interpretar e analisar o que está presente, porém a variações importantes que o educando precisa compreender. Exemplificando, Rosa e Lima (2020) evidenciam que há forma distintas de imagens, onde no caso desta aplicação foram utilizadas duas, as verticais para os mapas e oblíquas para as imagens, as quais foram conectadas e interpretadas no mapa coletivo desenvolvido, juntamente com o mapa de apoio.

Para os mapas mentais, veremos variações distintas que estão diretamente ligadas às percepções particulares de cada aluno sobre o espaço vivido. Compreender a ligação do conhecimento do espaço vivido, com suas paisagens no ensino em Geografia é fundamental para a formação de um cidadão consciente e crítico. A seguir, terá seguimento às análises da aplicação dos mapas mentais realizados e descritos neste trabalho, organizados nos tópicos intitulados de “mapas mentais prévios”, “mapa coletivo e representações utilizando o *Google Earth*”, “mapas mentais posteriores” e “análise geral da aplicação dos mapas mentais”.

Os primeiros mapas mentais a serem descritos e analisados são do primeiro dia de aplicação da oficina, ou seja, remontam a percepção prévia dos alunos sobre o lugar. Os mapas produzidos e adicionados a seguir possuem algumas semelhanças e distinções bastante evidentes. Por este motivo, foi adicionado apenas um exemplar de cada tipificação, isto é, apresentou-se aqueles que têm diferentes percepções do espaço para tornar mais rica a análise.

Nas Figuras 3A, 3B, 3C e 3D podemos observar quatro tipos diferentes de mapas mentais prévios, os quais representam os desenhos realizados pelos estudantes das turmas. Nas Figuras destacadas, podemos ver diferentes formas de interpretação dos alunos sobre a atividade proposta. Alguns basearam-se nas explicações realizadas anteriormente a entregas das folhas em branco, influenciando em suas percepções sobre o que colocar no mapa.

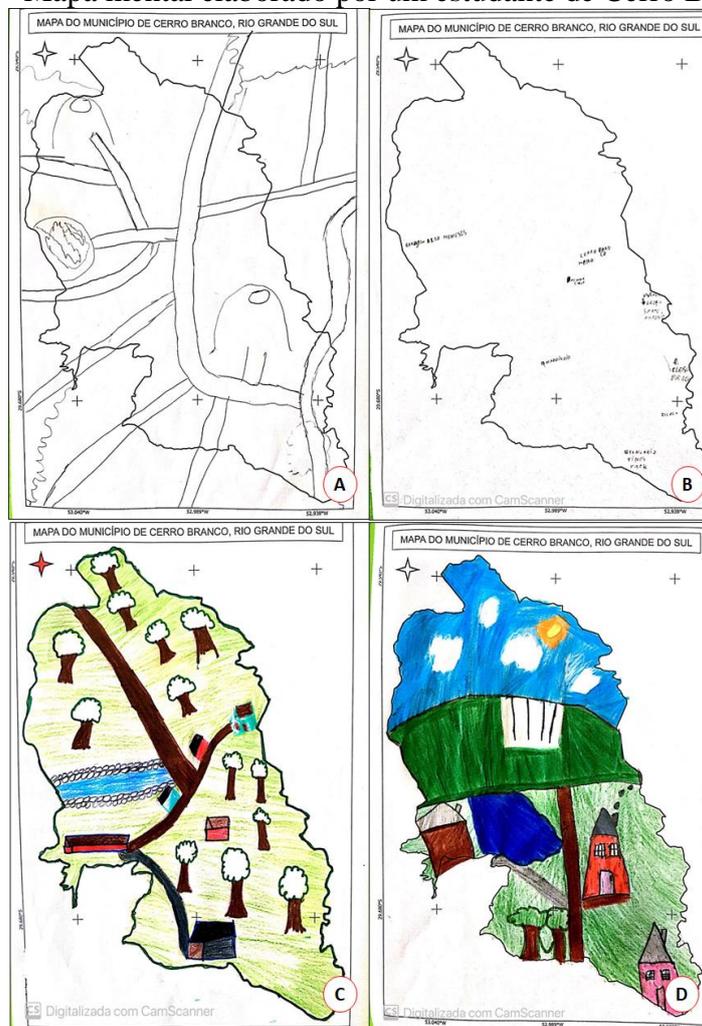
Na Figura 3A, um dos alunos buscou representar as principais estradas que adentram o município, evidenciando suas ligações sem uma escala definida. Outros pontos destacados foram as representações dos morros, que são muito evidentes e aparecem em vários desenhos, como também a da Barragem Aldo Menezes. A barragem foi desenhada bem próxima de onde realmente se localiza, já os morros foram bem perceptíveis em vários mapas desenhados, pois são bem característicos no município, dada sua grande amplitude altimétrica, que foi trabalhada após a produção dos mapas prévios, para uma visualização mais “prática” das feições municipais, através do mapa coletivo com malha do *Google Earth Pro*.

Alguns alunos optaram por fazer suas representações através da escrita, buscando relacionar os pontos de referência e turísticos presentes no mapa de apoio como base para interpretar o território. Uma característica muito presente nesta formação foi a busca pela localização exata dos pontos que cada um julga ser importante e pertinente para representar. Um exemplo desta aplicação pode ser visualizado na Figura 3B.

Outra representação importante foi o desenho de casas, juntamente da natureza, com árvores, gramado e cursos d'água, provavelmente, remetendo-se à paisagem rotineira que visualizam em seu dia a dia, como o trajeto de casa para a escola (Figura 3C). Por ser um município de população predominantemente rural, as paisagens com florestas, morros e lavouras são recorrentes para muitos moradores, que têm estes locais como lar. O processo citado aparece de forma parecida na Figura 3D, porém nesta última temos a representação de outro ponto importante no município: o seu principal morro, que origina o nome da cidade. Esta feição esteve representada na maioria dos mapas, enfatizando a relação toponímica com o Cerro Branco para com os alunos.

Para análise final desta primeira parte, pode-se destacar a pluralidade de mapas produzidos, onde cada aluno buscou de sua forma representar o município de sua perspectiva. Vale ressaltar que “A linguagem dos mapas é a semantização que os alunos fazem de seu município enquanto espaço de vivência, de sensações e de percepções” (BATISTA, 2019, p. 75). Cabe destacar também que segundo a Diretora da escola, nem todos os alunos que participaram são alfabetizados, obtendo assim, ainda mais diferenciações de interpretação sobre o que foi proposto e, por vezes, utilizando-se somente dos desenhos como demonstração da sua realidade. Um dos motivos para a dificuldade da alfabetização foi o período em que os alunos ficaram distantes do espaço escolar, consequência da COVID-19 que dificultou o aprendizado durante os anos letivos de 2020 e 2021.

**Figura 3 - Mapa mental elaborado por um estudante de Cerro Branco, RS.**



Fonte: Material produzido pelos estudantes, 2022.

De forma geral, cada aluno buscou livremente interpretações para atribuir ao mapa, onde alguns recorreram ao mapa de apoio, outros utilizaram desenhos simples com representações cotidianas e houve quem buscasse caracterizar alguns aspectos físicos do município, como a Barragem e o Morro Cerro Branco para categorizar sua visão sobre o espaço vivido. Desse modo, como afirma Kozel (2007), os mapas mentais, enquanto enunciados, transformam-se em representações vivas, na qual interlocutores reais se relacionam representando livremente o espaço, a paisagem e o lugar. Cabe destacar que as figuras acima postadas foram alguns exemplos de repetições feitas pelos alunos, o restante das imagens pode ser visualizado no Quadro 1, posteriormente ressaltado no texto.

A construção do mapa coletivo surgiu como mediação entre a realização dos mapas mentais prévios e os pontos turísticos locais, trabalhando fortemente a localização dos pontos turísticos e com potencial topofílico, como também suas paisagens e atribuições espaciais com o espaço geográfico local. Para tal realização, os conceitos de paisagem foram fortemente aplicados e trabalhados para o desenvolvimento das noções espaciais e da visualização das atribuições geográficas.

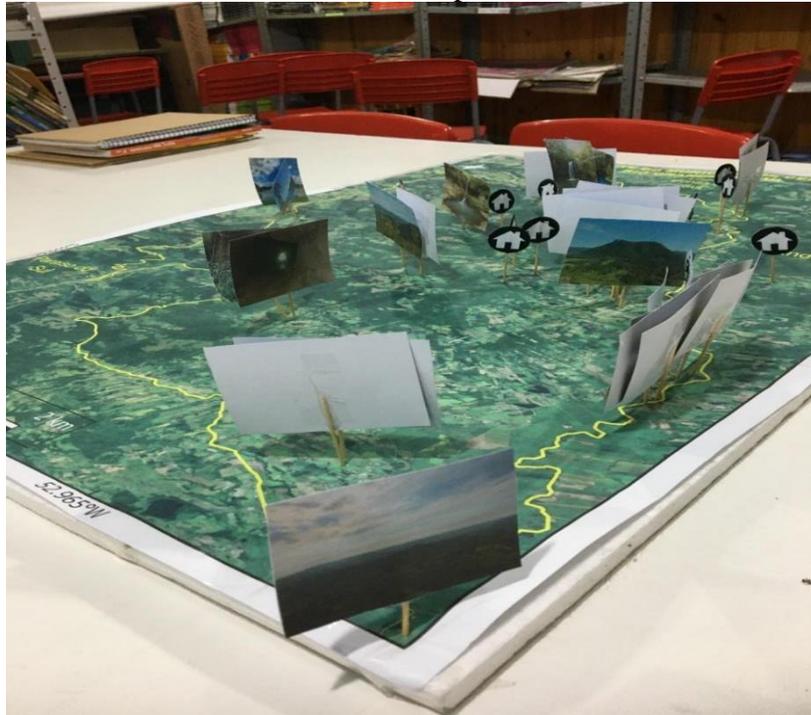
Por exemplo, foram entregues distintas imagens contendo o Morro Cerro Branco, em diferentes perspectivas visuais e com elementos das suas paisagens, onde a ideia foi atribuí-las aos locais corretos de onde as fotografias foram tiradas, obtendo as respectivas paisagens desejadas e visualizadas em determinado ponto. Exemplificando melhor, quando subimos no morro, enxergamos do alto toda área mais baixa do município, como a área urbana e grande parte das ocupações das lavouras de arroz e considerável parte das lavouras de tabaco, milho e criação de gado, além das formações declivais de rios, sangas, dos morros e ocupações territoriais dos municípios vizinhos, sendo assim também retratados nas paisagens cerro-branquenses.

Esta etapa foi relevante também para realizar a diferenciação do relevo municipal que acaba contendo uma área mais baixa com a ocupação da área urbana municipal e o plantio de arroz em suas várzeas contrastante com o verde dos morros e suas subidas acentuadas e belas, gerando uma variada gama de paisagens atribuídas espacialmente ao cotidiano da população.

Para reforçar a aproximação das paisagens dos pontos turísticos com a vivência de cada aluno, foi importante a inclusão dos ícones correspondentes à moradia e localização da escola. Com esta etapa incluída no mapa, foi possível visualizar o roteiro percorrido por cada aluno em seu dia a dia até a chegada na escola. Cabe destacar também que vários alunos utilizaram os pontos turísticos do município como referência para encontrarem suas residências dentro do mapa.

Todas estas atividades e inclusões foram importantes para a conclusão do mapa coletivo e para a realização do último mapa mental, que contém diversas características das atribuições trabalhadas (Figura 4).

**Figura 4** - Mapa coletivo finalizado com os pontos residenciais e com os pontos turísticos do município.



Fonte: Material produzido pelos estudantes conjuntamente, 2022.

Na atividade, utilizando o mapa coletivo, a interação em sala de aula foi dinâmica e empolgante. Partindo da premissa que todos os alunos conhecessem pelo menos alguns pontos, os identificamos por completo antes de qualquer análise prévia. Muitas das imagens escolhidas eram de paisagens observadas através dos pontos, ou seja, qual local visualizamos estando em um topo de morro, por exemplo. Essa sensação de identificação com o lugar torna a experiência pedagógica mais rica e aproxima a Geografia da formação cidadã, isto é, faz com que a discussão sobre o lugar se torne representativa para os estudantes ou, como reforça Callai (2020, p. 60), “[...] o conhecimento escolar tem que propiciar as condições para atender a formação humana e desenvolvimento dos sujeitos, nos campos cognitivo e social”, pensados na relação local-global e com sentido para os alunos.

Nesta lógica, muitas das fotografias perpassam os limites municipais, trazendo feições além do município, porém sem deixar de fazer parte dele, pois estão inseridas no cotidiano dos alunos,

visto que alguns vivem próximos ou em um dos municípios vizinhos. Para ter uma ideia de proximidade, o município de Candelária faz divisa com Cerro Branco pelo rio que passa atrás da escola trabalhada.

A identificação da moradia de cada aluno com um ícone foi a parte mais contagiante conjuntamente construída, pois permitiu debates sobre a localização do centro da cidade, do bairro onde está situada a escola, dos loteamentos e demais pontos importantes como o antigo hospital e campos de futebol que permeiam a comunidade. Cabe destacar novamente que o intuito de localizar as moradias não era buscar a localização exata dos pontos, mas a maior proximidade de onde vivem e estabelecer sentimentos topofílicos em relação ao mapa coletivo. Nesta identificação foi possível ver que 11 dos 12 alunos vivem dentro do município e 1 aluno no município vizinho de Candelária.

A distribuição de suas residências é plural, onde 4 vivem mais próximos à escola e o restante está disperso pelo interior de Cerro Branco e Candelária, ou seja, nas áreas rurais, muitos precisando percorrer longas distâncias de ônibus. A rota percorrida por muitos auxiliou na identificação de paisagens rotineiras que estavam presentes nas figuras relacionadas pelo aplicativo, ajudando na localização dos ícones no mapa coletivo.

Alguns alunos relataram viver bem “abaixo” do Morro Cerro Branco, podendo observar diariamente, já outros “descem a serra municipal” também todos os dias, observando cotidianamente as paisagens de ligação entre o Planalto Meridional e a Depressão Central. Esse processo de vivenciar o espaço e gostar dele traz uma relação interessante com o conceito de topofilia.

Os estudantes têm uma conexão com o ambiente que os cerca, construída a partir do cotidiano e da observação das paisagens ao longo das rotas que percorrem diariamente. Essa vivência permite que eles desenvolvam um reconhecimento afetivo dos marcos naturais e geográficos, como o Morro Cerro Branco e a serra que liga o Planalto Meridional à Depressão Central. Ao identificar esses elementos no mapa coletivo, eles estão trabalhando com pontos geográficos e trazendo suas próprias experiências e sentimentos, o que enriquece o aprendizado em Cartografia Escolar. Esse processo torna o espaço geográfico mais significativo para os estudantes, conectando-o à sua realidade vivida e reforçando o vínculo emocional com o lugar. Nas atividades destacadas anteriormente, nenhuma ferramenta geotecnológica foi necessária na sala de aula para a confecção dos mapas, ou seja, todo material deste a criação dos mapas até a impressão das imagens trabalhadas no mapa coletivo foi previamente impressa para que não

houvesse necessidade da utilização de mecanismos conectados à internet no momento. Esta metodologia foi adotada visando ter a aplicação possível mesmo sem recursos tecnológicos disponíveis no âmbito escolar. Desta forma, as atividades utilizando geotecnologias foram organizadas para ocorrer apenas se a estrutura escolar tivesse condições de portar equipamentos como o *datashow*.

Para não ocorrer possíveis imprevistos com a utilização de plataformas geotecnológicas, foram pensadas algumas atividades simples com o *Google Earth Pro* para caso sobrasse tempo de aplicação, fossem trabalhados alguns aspectos que reforçassem possíveis limitações presentes nos mapas impressos, como a visualização do perfil de elevação do município e do relevo tridimensionalmente, como descrito em Rizzatti e Batista (2021).

Neste sentido, foi utilizado o notebook do autor para visualizar o perfil de elevação da escola em relação ao Morro Cerro Branco, visualizando a altimetria entre estes pontos, onde a escola se localiza a 86 metros no nível do mar e o morro a 580 metros. Explicou-se também sobre as diferentes unidades de relevo que compõem o município e suas relações com a paisagem e o cotidiano dos estudantes. A dificuldade nesta aplicação ocorreu pelo fato de o adaptador do notebook não estar funcionando, impossibilitando a projeção da plataforma no *datashow*. Mesmo assim, traçamos alguns perfis altimétricos das residências dos alunos em relação ao Morro Cerro Branco ou a outro local no notebook.

Por mais que tenha sido uma abordagem rápida, a visualização dos perfis de elevação foi simples e didática para a compreensão da diferença de elevação entre os locais do mesmo município, visto que as imagens trabalhadas no mapa coletivo abrangiam esta diferenciação altimétrica entre as paisagens, bem como permitiu abordar diferentes unidades da paisagem que compõem o município. Assim, “A abordagem do relevo, em sala de aula, por meio de recursos geotecnológicos pode ampliar o interesse dos alunos e auxiliar o seu entendimento frente à realidade que o cerca de modo mais dinâmico e articulado com ferramentas que despertam seu interesse” (RIZZATTI *et al*, 2017, p. 58). Ademais, potencializa o sentimento de pertencimento ao lugar, como foi observado nos mapas mentais posteriores, comentados na sequência.

Na segunda parte da aplicação dos mapas mentais, que valida a atividade desenvolvida no mapa coletivo como potencial promotora da ampliação do conhecimento do local e capaz de aguçar o sentimento de pertencimento/topofílico, os alunos utilizaram os pontos turísticos e de sua localização no território, que foram trabalhados no mapa coletivo, como referência para suas representações. Como resultados, obtivemos maior homogeneidade nas formas interpretativas

sobre a tarefa, onde cada aluno buscou destacar os pontos e aspectos de sua maior proximidade ou apreço, como podemos observar nas Figuras 5A, 5B, 5C e 5D.

Na Figura 5A podemos observar a representação em forma de desenhos e da escrita dos pontos que mais são representativos na visão deste aluno, ressaltando o Balneário Pinus Park, a Gruta dos Índios, a Barragem Aldo Menezes, a Cascata da Linha Negra e a Casa de Pedras. Essa última acaba não ficando dentro dos limites do município, mas o seu acesso principal sim, atraindo muitos munícipes no verão. Outras ilustrações interessantes foram a presença do desenho da residência do aluno e da Igreja Católica, esta última não sendo trabalhada pelo aplicador, mas presente como referência para o aluno que buscou a representar. A topofilia se revela nos elementos escolhidos pelos alunos para representar seu espaço, incluindo tanto marcos naturais como culturais, pois, segundo os relatos deles, são os pontos que mais lhe trazem bons sentimentos sobre o espaço.

Todos os pontos da Figura 5A estão nos locais aproximados de suas reais localizações, fortificando que o entendimento da discussão conjunta sobre os pontos no mapa coletivo que foram essenciais para esta nova representação. A Figura 5B apresenta elementos muito próximos dos retratados na Figura 5A, com algumas incorporações interessantes, como o aparecimento do morro municipal (Cerro Branco) que, como nos mapas mentais iniciais, foi muito interpretado visto sua relevância como ponto turístico e visibilidade destacável perante outros morros.

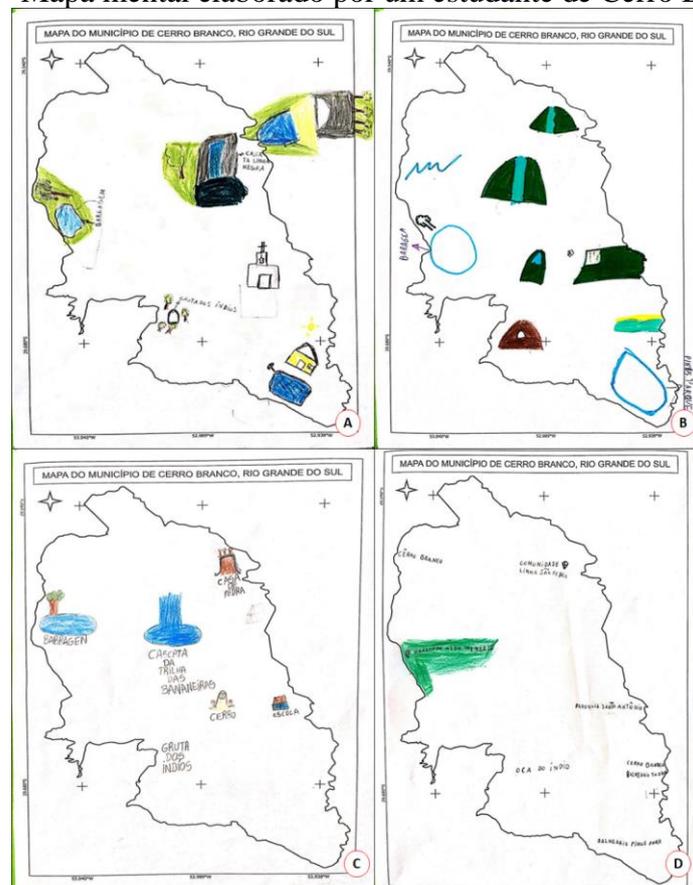
Outra representação diferente que a Figura 5B possui é a presença do Balneário Tia Zina, um dos pontos onde a população pode se divertir aos finais de semana. A Cachoeira presente na trilha das bananeiras também foi representada, juntamente com a cascata da Linha Negra e outros pontos presentes na figura anterior, como a Casa de Pedras, a Barragem Aldo Menezes, o Balneário Pinus Park e a Gruta dos Índios. A Figura 5C também apresenta características semelhantes às atividades anteriores, enfatizando ainda mais a compreensão espacial que os alunos tiveram sobre a atividade. Os pontos descritos e selecionados para a figura abaixo foram desenhos e escritas, descrevendo novamente a Casa de Pedra, a Cascata da Trilha das Bananeiras, a Barragem Aldo Menezes, a Gruta dos Índios e o Morro Cerro Branco, como também a escola e sua localização exata.

Na Figura 5D, o método representativo escolhido pelo aluno foi mais descritivo, misturando os pontos trabalhados no mapa coletivo com as feições do mapa de apoio, caracterizadas pela presença da Paróquia Santo Antônio (Igreja Católica) e pela comunidade da Linha São Pedro.

As demais caracterizações foram semelhantes às interpretações anteriores, contendo a Gruta dos Índios, o Balneário Tia Zina e a Barragem Aldo Menezes. Observa-se que os estudantes ampliaram suas representações quando comparado com o mapa mental prévio, remetendo a contribuição da atividade desenvolvida em sala de aula.

Com as interpretações finalizadas, foi possível observar que os pontos acrescidos com o acabamento da segunda etapa são os locais mais populares. A interpretação sobre a forma de realizar esta segunda tarefa foi mais homogênea, prevalecendo os desenhos e escrita nos locais corretos da localização dos pontos, seguindo a forma como foram dirigidas as tarefas anteriores. Os mapas mentais são “[...] uma forma de linguagem que reflete o espaço vivido representado em todas suas nuances, cujos signos são construções sociais” (KOZEL, 2007, p. 115), bem como relaciona-se, neste trabalho, com as representações produzidas pelos estudantes frente a discussão e produção do mapa coletivo.

**Figura 5** - Mapa mental elaborado por um estudante de Cerro Branco, RS.



Fonte: Material produzido pelos estudantes, 2022.

As distintas formas de interpretação sobre as temáticas são importantes para compreendermos acerca da visão de cada aluno sobre o espaço vivido, suas percepções e noções espaciais cotidianas, refletindo a caracterização do conceito de topofilia, que, como já explanado neste mesmo texto, é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou o ambiente físico.

Sobre os objetivos previamente propostos para a construção da atividade, foi realizada a análise prévia dos pontos turísticos e suas paisagens de forma oral e escrita no quadro, buscando identificar coletivamente quais são os locais de maior apreço dos alunos acerca do espaço vivido, onde todos os pontos eram de conhecimento, mesmo que muitas vezes sem saber sua localização, sabiam de sua existência. Por outro lado, a individualidade também se fez presente, onde, semelhante ao que propõem Hollamn (2014), “*Los dibujos se hicieron de manera individual aunque se establecieron diálogos entre los estudiantes sobre los temas [...] que cada uno estaba mapeando, buscando una aprobación de los pares sobre la propia mirada*” (HOLLMAN, 2014, p. 102).

O conhecimento oral e escrito foi importante para a consolidação do restante dos objetivos, pois quando se iniciou o trabalho com a identificação das imagens no mapa, conseguimos visualizar onde cada ponto ficava no mapa, como também o quão próximos de suas residências e escola localizavam-se. Esta proposta contribuiu com o ensino de Geografia, consolidando outro objetivo importante, que foi o trabalho do conhecimento do espaço vivido através da análise dos pontos no mapa coletivo e a presença dos aglomerados urbanos, estradas, morros, vegetação e demais atribuições que compõe o município.

A tarefa da construção dos pontos sobre o mapa mental posterior foi coletiva, que também era um dos aspectos buscados anteriormente, onde montamos e desmontamos-lhes no mapa, analisando a paisagem que cada imagem/fotografia possui, e o ponto de onde foi tirada (perspectiva), observando tudo que a compõe e como a identificar no mapa coletivo.

Desta forma, os objetivos trabalhados foram alcançados, e com a finalização dos mapas mentais, foi possível avaliar a mudança na percepção dos pontos e formação municipal; onde grande parte dos alunos na aplicação do segundo mapa mental, conseguiu identificar corretamente os pontos de sua preferência no mapa, buscando o desenhar ou descrever na proporção de tamanho e localização condizentes com a realidade.

O Quadro 1, apresentado a seguir, compõe resumidamente todos os elementos representados pelos alunos durante a aplicação dos mapas mentais, estando divididos nas aparições do mapa mental prévio e do mapa mental posterior. Desta forma é possível analisar detalhadamente o

comportamento geral encontrado com as aplicações. Cabe destacar também que os elementos não são somente desenhos, mas também descrições e pinturas sem uma forma específica definida. Analisando o Quadro 1, podemos ressaltar algumas ponderações como: primeiramente, foi levado em conta o aparecimento de qualquer elemento representativo que remetesse a algo visível e interpretável, sendo assim, foram analisados elementos comuns como árvores, rios e casas além dos pontos turísticos e topofílicos trabalhados.

**Quadro 1** - Comparação entre os elementos apresentados antes e depois da oficina.

<b>ELEMENTOS REPRESENTADOS NO MAPA</b>	<b>MAPA MENTAL PRÉVIO</b>	<b>MAPA MENTAL POSTERIOR</b>	<b>TOTAL</b>
Morro Cerro Branco	7	9	16
Gruta dos Índios	2	6	8
Barragem Aldo Menezes	4	8	12
Cascata da Linha Negra	Sem Representação	4	4
Cascata da Trilha das Bananeiras	Sem Representação	2	2
Casa de Pedra	Sem Representação	2	2
Balneário Tia Zina	1	3	4
Balneário Pinus Park	2	5	7
Representações de árvores, gramados verdes e similares	13	10	23
Representação de poços, açudes, rios ou similares, que ainda não foram representados anteriormente	6	4	10
Casas, escolas ou demais construções humanas representadas com um teto	13	7	20
Animais	1	2	3
Cercas, estradas ou pontes	9	1	10

Fonte: Autores, 2022.

Analisando o Quadro 1, podemos ressaltar algumas ponderações como: primeiramente, foi levado em conta o aparecimento de qualquer elemento representativo que remetesse a algo visível e interpretável, sendo assim, foram analisados elementos comuns como árvores, rios e casas além dos pontos turísticos e topofílicos trabalhados. O critério para análise dos elementos que não são pontos turísticos foi de apenas considerar um elemento repetido por atividade. Este critério foi utilizado para diminuir o número de elementos de mesma simbologia a serem considerados, facilitando a contagem e a interpretação. Quando houve a ocorrência de dois elementos distintos em uma mesma atividade, ambos foram apontados.

O ponto turístico que nomeia o município, o Morro Cerro Branco, foi o ponto mais representado entre os locais turísticos apresentados, sendo destacado de alguma forma 7 vezes no mapa prévio, reforçando a sua relevância aos jovens munícipes como ponto topofílicos, pois sua visualização é aparente e conhecida na região. Uma distinção importante a ser destacada foi a

localização (coordenada geográfica) do morro ser respeitada no mapa mental posterior, evidenciando a atenção às instruções passadas durante a construção do mapa coletivo. Este fator foi de maneira geral respeitado para todos os demais pontos turísticos que foram representados. Os outros pontos turísticos/topofílicos representados pelos alunos também obedeceram a padronização de ocorrência, estando mais presentes no mapa posterior em relação ao mapa introdutório, evidenciando ainda mais a mudança de percepção paisagística obtida através do trabalho de análise dos postos topofílicos. Em contrapartida, os elementos que não representavam pontos turísticos/topofílicos tiveram queda em seu aparecimento no mapa mental final. Este fator também reforça a mudança representativa dos elementos atribuídos ao mapa mental, como também da localização aproximada de cada ponto trabalhado no mapeamento coletivo.

Uma adequação de um desenho simples com elementos rotineiros artísticos há uma representação realista da distribuição dos pontos de maior preferência, já que a designação sobre qual local representar foi a critério de cada aluno, onde uns optaram por fazer desenhos maiores e coloridos, outros quantificar os pontos e os representar na sua localização real ou apenas pintar elementos presentes em seu cotidiano. Outro ponto importante foi a baixa representação de cercas, estradas ou pontes no último mapa, onde pode ser destacada novamente a mudança perceptiva sobre os elementos trabalhados, buscando muito mais representar a ocorrência dos elementos na localização correta do que realizar desenhos avulsos sobre o mapa.

Os mapas mentais revelaram-se valiosas ferramentas para ensinar Geografia de forma próxima e significativa, ajudando os alunos a criar uma conexão mais profunda com seu território e desenvolvendo o sentimento de topofilia. Durante a atividade, cada aluno destacou locais que têm um significado especial para ele, como o Balneário Pinus Park, a Gruta dos Índios, a Barragem Aldo Menezes, a Cascata da Linha Negra e a Casa de Pedras, além de pontos do cotidiano, como suas casas e a Igreja Católica. Essa diversidade de representações refletiu a riqueza das percepções de cada um, promovendo um entendimento mais pessoal e afetivo do espaço local e tornando o aprendizado geográfico mais envolvente e humano.

## **5 - Considerações Finais**

Acerca do trabalho desenvolvido, as leituras prévias realizadas foram muito importantes a o aprimoramento de conceituações sobre a paisagem, o lugar, o pertencimento através dos pontos turísticos e ao sentimento de topofilia, que pode ser remetido a um local de afeto que traga

memórias importantes para o indivíduo. A criação estrutural dos mapas foi satisfatória e cumpriu com suas abdições de auxiliar na localização, na identificação e no desenvolvimento da observação sistematizada da paisagem através da criação dos mapas mentais. Já o mapa coletivo corroborou significativamente para a percepção de localização dos alunos.

Os mapas mentais demonstraram que se constituem ótimas ferramentas didáticas para o trabalho com os conceitos geográficos escolares básicos, importantes para o conhecimento territorial local e valorização do espaço vivido, que podem colaborar com o desenvolvimento do sentimento de toponímia. Cada mapa criado possibilita algum tipo distinto de interação e visualização, o que permitiu uma ampla pluralidade de percepções de cada aluno, diversificando positivamente as atividades propostas.

A organização presente na sala de aula foi um fator importante para a consolidação da aplicação das atividades no tempo programado para as aplicações. Outro fator importante foi o conhecimento prévio que muitos alunos tinham sobre os pontos turísticos trabalhados, onde vários já haviam os visitado ou pelos quais já passam por eles rotineiramente, inclusive no caminho para a escola.

O conhecimento prévio dos pontos por parte dos alunos não foi um fator que influenciou nos desenhos interpretativos da maior parte dos educandos, pois as representações dos pontos turísticos foram pontuais no mapa prévio, com exceção do Morro Cerro Branco, aparente já no primeiro mapa confeccionado pela maior parte dos alunos. Um dos fatores que podem ter culminado neste aparecimento precoce foi o fato da aproximação cotidiana com a paisagem do morro, onde ele está presente na nomenclatura e bandeira do município, reforçando sua imponência. Os demais pontos turísticos apresentados no mapa prévio e que obtiveram menos preferência na representação foram escolhidos conforme a proximidade de cada aluno com o local escolhido.

Este fator reforça a presença representativa dos locais cotidianos e rotineiros na memória apreciativa de cada um. Passando para o mapa coletivo, o maior desafio foi conter a euforia com um trabalho diferenciado, visto que havia paisagens conhecidas e outras desconhecidas, onde algumas remetiam a pontos turísticos e outras a paisagens observadas a partir da visualização destes pontos.

O trabalho com a territorialidade e perspectiva de paisagem foi um elemento desafiador e importante para a realização do mapa mental posterior, tanto para a localização das residências e da escola, quanto para a organização dos pontos turísticos, pois apesar de várias imagens

remeterem a um mesmo local, elas remetiam a diferentes paisagens. Dessa forma, foi necessário conseguir interpretar o conteúdo presente nas imagens com o mapa que possuía apenas uma camada do *Google Satélite* (mapa coletivo), para saber a localização e posicionamento exato de cada imagem.

Como foi organizado sob um isopor, foi possível retirar algumas fotos quando necessário para a melhor visualização do mapa ou para a modificação de algum ponto. Outro fator interessante foi de vários alunos localizarem suas casas pela proximidade com os pontos turísticos e vice-versa, gerando uma dinâmica interessante e variada na sala de aula. A aplicação do mapa mental posterior foi condicionada por todas as atividades feitas anteriormente, podendo se notar grande diferença para a representação primária dos mapas para a subsequente. As principais mudanças notáveis foram a maior quantidade de representação de pontos turísticos no último mapa, também a maior exatidão com a localização das paisagens trabalhadas e a menor representação de desenhos simples e pinturas, compreendendo-se assim que, de maneira geral, ocorreu uma mudança na criação dos mapas mentais. As representações, desse modo, passam de ideias muito simples no primeiro mapa, para uma representação mais minuciosas e complexas.

O ensino em Geografia oferece inúmeras formas de trabalhos educativos lúdicos que distinguem das aplicações totalmente teóricas e trabalham com a territorialidade sem necessariamente sair da sala de aula. Os mapas, por sua vez, permitem um trabalho com distintos aspectos capazes de desenvolver novas análises que podem influenciar permanentemente o método de entendimento do território. Neste sentido, o estudo do município pela paisagem, voltado para mapas mentais, é capaz de ligar a localização, o sentimento de pertencimento e a análise territorial. Por isso, a ferramenta – mapa mental – é uma imponente para os professores de Geografia, que desejem desenvolver em sala de aula trabalhos mesclando conteúdos da realidade vivida de cada aluno através da interpretação individual e/ou coletiva do lugar.

## Referências

ANDREIS, A. M. A Geograficidade do cotidiano como categoria científico-didática para ensinar e aprender na escola. **Revista Signos Geográficos**, Goiânia-GO, V.1, 2019.

BATISTA, N. L. A **Cartografia Escolar no processo de ensino-aprendizagem: o Hipermapa e sua utilização na Educação Ambiental**, em Quevedos/RS. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CALLAI, H. C. Na Geografia, a paisagem, o estudo do lugar e a pesquisa como princípio da aprendizagem. **Ciência Geográfica**, v. XXVI, p. 59-68, 2020.

CALLAI, H. C. O Estudo do Lugar como possibilidade de Construção da Identidade e Pertencimento. In: **VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 2004, Coimbra. ANAIS- A questão Social do Novo Milênio**. Coimbra: Gráfica de Coimbra, p. 1-10, 2004.

CERRO BRANCO. **Inventário de oferta turística no município de Cerro Branco/RS**. ATURCSERRA. 2020.

CERRO BRANCO. Prefeitura Municipal de Cerro Branco. **Dados sobre a história do município**. Disponível em: < <https://www.pmcerrobranco.rs.gov.br/cidade>>. Acessado em 19 de julho de 2022.

CISOTTO, M. F. Resenha de topofilia. **Geograficidade**, v.3, nº 2, 2013.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE Cidades**. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/cerro-branco>>. Acessado em 31 de julho de 2022.

GIROTTO, E. D. Por uma crítica da Geografia Escolar oficial: notas ao debate ALBUQUERQUE, M. A. M. de; DIAS, A. M. de L.; CARVALHO, L. E. P. (Orgs). **História da Geografia escolar: fontes, professores, práticas e instituições**. 2. Curitiba: CRV, 2021.

HOLLMAN, V. Mapas, imaginarios y memoria ambiental en Argentina. **Revista Geografares**, Edição Especial, p.96-117, jan/ago, 2014. DOI: <https://doi.org/10.7147/GEO17.8057>

KOZEL, S. Mapas mentais – uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In: KOZEL, S; SILVA, J. C; GIL FILHO, S. F. **Da percepção a Cognição à representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanística**. São Paulo: Terceira Margem, 2007.

LOPES, A. R. C; RICHTER, D. A construção de mapas mentais e o ensino de geografia: articulações entre o cotidiano e os conteúdos escolares. **Territorium Terram: Revista Eletrônica da Pós-graduação em Geografia**, v. 2, nº3, p. 2-12, Goiânia, out./mar, 2013-2014.

MALANSKI, L. M. KOZEL, S. Representação do espaço escolar a partir de mapeamento colaborativo: uma abordagem da geografia humanista. **Ateliê Geográfico - Goiânia-GO**, v. 9, n. 2, p.154-169, ago/2015. DOI: <https://doi.org/10.5216/ag.v9i2.24131>

RIZZATTI, M. **Cartografia Escolar, Inteligências Múltiplas e Neurociências na Educação Básica: a Mediação (Geo)Tecnológica e Multimodal no Ensino de Geografia**. (Tese de Doutorado) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Naturais e Exatas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, RS, 2022.

- RIZZATTI, M.; BATISTA, N. L. Cartas Topográficas, Maquetes Digitais e Imagens Anaglifo: contribuições ao estudo do relevo com softwares livres. **Metodologias e Aprendizado**, v. 4, p. 41-45, 2021.
- RIZZATTI, M; CASSOL, R; BECKER, E. L. S. **Cartografia escolar: e inteligências múltiplas**. Appris editora. 1ª edição, Curitiba, 2020.
- RIZZATTI, M.; CASSOL, R.; BATISTA, N. L.; DAMBROS, G. Utilização de Geotecnologias na Cartografia Escolar: a compreensão da representação do relevo com alunos do Ensino Fundamental. **Geografia em Questão (online)**, v. 10, p. 56-76, 2017.
- RICHTER, D. O mapa mental no ensino de geografia: concepções e propostas para o trabalho docente. **Cultura acadêmica**. São Paulo, 2011.
- RICHTER, D. **Raciocínio geográfico e mapas mentais: a leitura espacial do cotidiano por alunos do ensino médio**. (Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Geografia UNESP, São Paulo, 2010.
- RICHTER, D.; FARIA, G. de. Conhecimento geográfico e cartografia: produção e análise de mapas mentais. **Ateliê geográfico (UFG)**, v. 5, p. 250-268, 2011. DOI: [0.5216/ag.v5i1.13834](https://doi.org/10.5216/ag.v5i1.13834)
- ROCHA, L. B. Mapa mental: forma de comunicação espacial. In: TRINDADE, G. A.; CHIAPETTI, R. J. N. (Orgs.). **Discutindo Geografia: Doze razões para se (re)pensar a formação do professor**. Ilhéus, BA: Editus, 2007.
- ROSA, O. LIMA, J. D. **Cartografia escolar: geografia, linguagens e metodologias**. Editora CRV. Curitiba, 2020.
- SALASAR, S. P.; SILVA, R. J. N.; SPIRONELLO, R. L. Propostas didático-pedagógicas articuladas à BNCC: contribuições no processo de ensino-aprendizagem em geografia. In: **X Fórum Nacional NEPEG de formação de professores de geografia**. Goiânia - GO: UFG, 2020. v. 4. p. 93-103.
- SILVA, G. M.; BATISTA, N. L.; RIZZATTI, M.; CASSOL, R. A Cartografia Escolar como ferramenta pedagógica no ensino de Geografia: uma proposta de Oficinas Didáticas com alunos do Ensino Fundamental. **Revista Ensino de Geografia (Recife)**, v. 1, p. 120-134, 2018. DOI: <https://doi.org/10.51359/2594-9616.2018.240434>
- SOUSA, M. W. O pertencimento ao comum mediático: a identidade em tempos de transição. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**. Universidade de São Paulo, São Paulo, n° 34, 2010.
- SPIRONELLO, R. L.; DIAS, L. C.; CARLOS, L. C. Os mapas mentais como expressões simbólicas em tempos de pandemia. **Revista Ciência Geográfica**, v. 25, p. 1947-1963, 2021.
- TUAN, Y. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Difel editora. 1930 (1983).

TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Eduel. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 1980 (2012).

ZANELLA, L. C. H. **Metodologia de pesquisa**. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2ª edição, 2007 (2011).